

A INCLUSÃO DOS SABERES E CONHECIMENTOS PRODUZIDOS, NOS MUSEUS DA CIDADE DO SALVADOR, NO CURRÍCULO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Mariluce Santana Vida*

Resumo: *O museu tem sido compreendido como um novo lócus educacional contemporâneo. Através dos seus diversos acervos, dos múltiplos recursos utilizados, assim como do trabalho educativo desenvolvido, o homem resgata, conserva e preserva para as presentes e futuras gerações um relato antropológico-sócio-histórico e econômico de uma época, significativo para o processo ensino-aprendizagem como elemento cultural, forte referencial da memória social. Observa-se, nos museus da cidade do Salvador, grande potencial educativo, porém constata-se, na educação existente, em seus acervos, apenas uma face da história, ou seja, aquela contada sob a ótica do colonizador, impregnada de rigidez, preconceitos, desigualdades étnicas, de gênero, raciais e sociais, marcadas, também, pela invisibilidade do negro, da sua história, cultura, heróis e heroínas. Considerando-se que os museus podem e têm a capacidade de oferecer oportunidades educacionais para as diferentes áreas do conhecimento, faz-se necessário que educadores estejam capacitados para atuar como mediadores dessa construção, através de ações que propiciem a desconstrução do “formato” já existente, estimulando seus alunos ao questionamento e à reflexão sobre a força ideológica presente em seus acervos. Mais relevante se faz que nos currículos do Ensino Fundamental sejam incluídos os diversos saberes existentes nos museus, em caráter interdisciplinar que vise, através da história e da memória, constituir-se num veículo formador da identidade do homem baiano, transformando-se no reflexo da consciência de que se abrem novos caminhos para que os museus da cidade do Salvador atuem como legítimos espaços de educação contemporâneos, através de práticas educativas que estimulem, educadores e educandos, ao pensamento crítico-reflexivo.*

Palavras-chave: Inclusão; Saberes; Construção.

INTRODUÇÃO

A inclusão dos saberes e conhecimentos produzidos, nos museus da cidade do Salvador, no currículo do Ensino Fundamental, constitui-se num anteprojeto de pesquisa para dissertação do mestrado em educação, ao tempo em que é resultado da reflexão da autora durante sua experiência como encarregada do Setor Educativo de um museu baiano por um período de quatro anos. A vivência no espaço do museu trouxe-lhe a percepção acerca de suas múltiplas possibilidades educativas tendo em vista sua existência ser confirmada como local de guarda, conservação e preservação da cultura, da história e da memória de um povo e/ou de uma época para as presentes e futuras gerações. Como a construção da identidade perpassa os caminhos da memória que, por sua vez, carece da preservação da história, assim como da cultura nela resguardada, torna-se relevante tal estudo ocorrer através do currículo do Ensino Fundamental.

Uma das funções centrais dos museus é a educação. Para fazer uso da função educativa dos museus, é essencial o planejamento, a importância da temática abordada pelo museu, sua estrutura física e de pessoal e a disponibilidade de recursos para o desenvolvimento destas atividades.

O museu tem a capacidade de oferecer oportunidades educacionais para pessoas de todas as idades, formações, habilidades, classes sociais e etnias. Entretanto, para o sucesso do trabalho

* Licenciada em Pedagogia / UCSAL, Especialista em Métodos e Técnicas de Ensino / Universidade Salgado de Oliveira-RJ, Pós-graduanda em Gestão Ambiental / Universidade Salgado de Oliveira -RJ. mssvida@uol.com.br

educativo em um museu, faz-se necessário reduzir um pouco a esfera e definir um público alvo a quem se quer dirigir, sabendo reconhecer suas necessidades e procurando atendê-las.

O Ensino Fundamental agrega em si o fim da infância e o início da adolescência (faixa etária compreendida entre 11 – 14 anos), etapas marcadas por inúmeras transformações, questionamentos, necessidade de respostas e de autoafirmação.

Através do viés da interdisciplinaridade e da transversalidade, busca-se o estabelecimento de práticas educativas que possibilitem uma relação entre os conhecimentos teóricos sistematizados e as questões da vida real e de sua formação, ou seja, “*aprender na realidade partindo da própria realidade*”, pois, como memória histórica, destacar-se-á nos acervos museográficos as questões pertinentes à educação, para que o mesmo atue como um espaço educacional contemporâneo. Trabalhando a pluralidade cultural e respeitando as diversas nuances desta, bem como a construção da identidade social dos sujeitos, estimular-se-á o alunado à reflexão crítica acerca da forma e do referencial histórico vigente nos museus baianos.

Ao fazer do museu um espaço de interação entre as diversas culturas, etnias, raças e crenças, proporcionar-se-á o resgate da memória por meio da história, através da prática educativa, pois sabemos que tanto a cultura, quanto a educação estão em todos os meios sociais nos quais o indivíduo se situa.

O objetivo central desta proposta é conduzir a uma reflexão, intrínseca e extrínseca, os profissionais de educação, tais como, grupos de pedagogos, psicopedagogos, historiadores, dentre outros, com interesses voltados para as ações educativas e culturais de forma interdisciplinar que permita a educação viva que constituem os acervos museográficos estabelecer a relação do museu com outras ciências, tanto naturais quanto culturais entre si, como a ética, as artes, a tecnologia, a antropologia, a sociologia, a história e a filosofia, na formação de um cordão único rumo à construção da identidade de um povo, através da apropriação do conhecimento.

A dialética presente nas relações entre educação e contemporaneidade, educadores e educandos, gestores governamentais e governados, é necessária e promissora. Sem estabelecer limites para nossos sonhos, devemos querer, constantemente, aprender a aprender, a fim de acompanhar a velocidade das mudanças em educação, sem sermos sufocados por ela. Faz-se necessário, mais que nunca, incentivar e provocar no homem estímulos à renovação constante e acelerada, sem a perda do equilíbrio, da razão e da sua essência humana. Esse estímulo à renovação, bem como o respeito às tradições ancestrais têm na memória um forte aliado.

MUSEU: LÓCUS EDUCACIONAL CONTEMPORÂNEO

O museu constitui-se como um espaço educacional contemporâneo, onde o homem resgata, conserva e preserva para as gerações presentes e futuras um relato antropológico-sócio-histórico e econômico de uma época através das peças que constituem os diversos acervos e do trabalho educativo que, como instituição, desenvolva junto à sociedade.

Para Appiah (1997) a manifestação dessa interação se apresenta através de uma rede de relações interativas e de uma estrutura de significados. [...] a rede de relações interativas é que constitui a objetivação do sujeito e o historicismo do objeto, transformando numa relação relativa, que transcorre num espaço/tempo histórico, já que o espaço/tempo físico é o contexto de contínuas transformações. [...] toda identidade humana é construída e histórica; todo mundo tem seu quinhão de pressupostos falsos, erros e imprecisões que a cortesia chama de “mito”, a religião de “heresia”, e a ciência de “magia”.

A cultura está tão fortemente ligada à vida do homem que, sem ela, o desenvolvimento do ser humano jamais seria possível, e, a história da cultura é tão antiga quanto a história do próprio homem. Este, para chegar aos dias de hoje, levou milhares de anos para atravessar períodos

determinados de desenvolvimento nas diversas áreas do conhecimento e, principalmente, na área da educação. Por se constituir um elemento referencial de resgate da memória de um povo, pode ser traduzido pela cultura e história do homem através dos tempos.

A cultura pode ser vista sob o foco da antropologia, que mostra a evolução da espécie graças à transmissão de seus conhecimentos às gerações posteriores. Neste caso, é vista como arte, provocando prazer aos olhos, aos ouvidos, ao paladar, ao coração e ao espírito. A cultura acompanha a marcha da humanidade rumo à educação, podendo ser considerado o patrimônio cultural da humanidade e sem o qual o desenvolvimento da espécie seria impossível.(GADOTTI, 1990)

O estudo da memória e da história é um estudo contemporâneo e, em nossa própria história, de “povo brasileiro”, seguimos em busca da construção de uma identidade étnica, racial, profissional e, também, ética. Esta última, com muita estética e ritmo, coreograficamente marcada passo a passo, pois só assim conseguiremos viver nossa dimensão existencial e cotidiana no presente, na contemporaneidade, se essa dimensão vivida não se desvencilhar do nosso passado, o qual está firmemente presente na busca permanente de nós mesmos para a construção de uma nova história.

Se o museu constitui-se, empiricamente, num lugar de congregação e guarda de coisas velhas, aduz-se, nessa assertiva, que o museu é o lugar da memória e da história, conseqüentemente, de construção da identidade.

CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE A PARTIR DA DESCONSTRUÇÃO DOS CURRÍCULOS VIGENTES

Para Appiah (1997, p.241-254), a construção da identidade tem sido pautada por ideologias. Segundo ele, existe, na ideologia dominante, interesse de manutenção do *status quo* que rege o modelo eurocêntrico da educação contemporânea. Nosso presente é, por tudo isso, profundamente diferente do vivido por nossos ancestrais. Tem sido complexo e surpreendente, quando comparado com outros momentos históricos, vivenciados pelos sujeitos sociais da diáspora africana. A construção de nossa memória histórica se dá, a partir da construção de uma identidade [a história da construção da identidade de “povo brasileiro” a partir da diáspora].

Para Hall (2003, p. 29) “possuir uma identidade cultural nesse sentido é estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta”.

A transformação do espaço cultural e a subordinação da distância são apenas dois fatores que contribuem para uma mudança paralela na importância dos apelos à tradição, tempo e história. [...]

[...] uma temporalidade em suspenso, ou seja, um texto que necessita constantemente ser escrito, reescrito e reinterpretado. [...] a crítica africana, dominada pela economia política em uma temporalidade puramente instrumental e de curto prazo, [...] se resume a uma perversa estrutura: a autoctonia. O poder de arriscar a própria vida, ou seja, como Hegel sugere, a habilidade de acabar com a condição servil e renascer como sujeito do mundo, gradativamente foi perdendo lugar na prosa da autoctonia. (GILROY, 2001, p.364).

A identidade transmitida, através da história dos acervos museográficos, tem sido aquela preconizada pela ótica do colonizador. Uma identidade que não comporta a história do negro em seu pertencimento, em sua alteridade, assim como não comporta seus heróis, seus mitos e sua existência social. O negro, quando representado nos acervos dos museus, é aquele submetido pelo jugo e pela força da dominação. Tornando-se lamentável que a representação social destes indivíduos na sociedade seja, segundo Gilroy (2001, p.351-417), [...] **a da escravidão** [conscientemente reprimida pelos descendentes dos escravos africanos], uma recusa em reconhecer a própria ancestralidade e relembrar um ato que os induz a sentimentos de vergonha acerca da realidade vivida, tornando-se impossível o restabelecimento do contato consigo e com suas raízes; [...] pertinente ao **simbolismo do exílio** comparando-se, condição de escravidão às condições judaicas, assim como as relações entre raça e cultura na consciência moderna [o autor considera que há algo de leviano e superficial nesta comparação, tendo em vista tratar-se de eventos distintos].

A memória [...] centro vivo da tradição, é o pressuposto da cultura no sentido de trabalho produzido, acumulado e refeito através da história. Para Platão, a memória é ativa. Aprender é lembrar, lembrar é aprender. [...] Quem se lembra com agudeza e profundidade, desoculta o que estava encoberto na própria alma. (BOSI, 1987).

Segundo Achille Mbembe (2001), a falta de reflexividade e uma concepção instrumental do conhecimento e da ciência a visão mecânica e reificada da história, cuja função é evitar o florescimento da singularidade africana [ou seja, o próprio povo negro é responsável pelas suas catástrofes], alicerçam o desejo de destruir a tradição.

Para Deoscoredes dos Santos¹ (1989),

[...] quando falo de **tradição** não me refiro a algo congelado, estático, que aponta apenas para a anterioridade ou antiguidade, mas os princípios míticos inaugurais constitutivos e condutores de identidade, de memória, capazes de transmitir de geração a geração continuidade essencial e, ao mesmo tempo, reelaborar-se nas diversas circunstâncias históricas, incorporando informações estéticas que permitem renovar as experiências, fortalecendo seus próprios valores. (SANTOS, 1989)

Durante muitos anos os museus exerceram as funções de guarda, restauração e preservação do patrimônio sócio-cultural e histórico de um povo, contudo os diferentes públicos que os visitavam, o faziam como uma das últimas alternativas de lazer e acreditavam estar ali para puro deleite e contemplação. Os diretores, organizadores, encarregados de setores educativos e museólogos que montavam as exposições de longa ou curta duração queriam provocar no público essa reação. Porém, nas últimas décadas, a escola tem descoberto a relevância da aprendizagem através da construção do conhecimento e isso implica desenvolver atividades que transportem o aluno do imaginário e/ou teórico, para o real e/ou concreto. Nesse concreto, compreende-se a feira, o banco, os terreiros de candomblé (a roça), as reservas naturais e culturais, como os museus, dentre outros. Esse fato ocorreu em âmbito mundial e no Brasil, em especial, nos últimos anos. Demonstrando ser um reflexo da consciência de que se abre um caminho para que os museus enfrentem os desafios da manutenção da instituição na vida contemporânea, como veículo de formação da identidade cultural e étnica de um povo, o que consiste no estabelecimento de novas relações com os públicos que o visitam, através dos novos olhares sobre a educação mediada pela prática educativa, a qual deverá buscar a interação entre a

¹ Mestre Didi.



memória e a história nos currículos já existentes na escola, bem como na desconstrução dos mesmos, através da vasta oferta cultural e educativa disponibilizada pelos museus da cidade do Salvador.

Para Silva (2001, p. 31), a identidade ética e social é uma questão de saber e de poder porque o conceito de raça está diretamente ligado às relações de poder. É através do vínculo conhecimento, poder e identidade que os temas raça e etnia ganham seu lugar nas teorias do currículo e assim passa a ser problematizado como sendo racialmente enviesado. Essas questões de raça, etnia e identidade deveriam ser evitadas pelo currículo crítico que é inspirado nas teorias sociais. [...] Na visão dos estudos culturais, todo conhecimento é cultural e todo conhecimento está vinculado com relação de poder. Tanto a educação quanto a cultura estão envolvidas no processo de transformação da identidade. O currículo e a pedagogia de forma cultural se difere do currículo e da pedagogia escolar. A pedagogia escolar e a pedagogia cultural têm sido exploradas pelas indústrias culturais que estendem seu currículo cultural para o currículo propriamente dito.

A escola atua ideologicamente através do seu currículo, seja de forma direta [...], seja de forma indireta [...]. Além disso, a ideologia atua de forma discriminatória: ela inclina as pessoas das classes subordinadas à submissão e à obediência, enquanto que as pessoas das classes dominantes aprendem a comandar e controlar. (SILVA, 2001, p. 31-32).

As articulações com outras instituições são importantes na medida em que, ocorrendo a troca de experiências, pode-se construir um conjunto projetos enriquecedores.

Há evidências de que a educação no âmbito da sala de aula não é o suficiente para a construção da aprendizagem, sendo necessárias aulas práticas, que incorporadas ao projeto da escola podem atuar como um complemento para o suprimento teórico. (FREIRE, 1998).

Ao desvincular a instituição museu da idéia estática de guarda de objetos antigos para o deleite e contemplação de poucos, transforma-se essa visão em uma dinâmica educacional onde a criança, o jovem e o adulto o percebam como fonte de conhecimento e, conseqüentemente, através de suas leituras e releituras [contidas em seus acervos], em elementos significativos para a construção identitária do povo baiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação é um dos pilares que norteiam a sociedade contemporânea. Por isso mesmo é que ela deve ser discutida, repensada e rediscutida não só nas escolas, mas por toda a sociedade, numa participação conjunta de governantes, professores, alunos e pais, enfim, toda a comunidade, haja vista ser essa comunidade os integrantes de um conjunto que busca alternativas viáveis para a reconstrução da educação em âmbito mundial. Sendo assim, a educação não pode ser analisada como um processo independente do contexto sócio-histórico, político e econômico no qual vive a sociedade. Pode e deve ser encarada como parte integrante e necessária de um sistema que a use em prol dos interesses de seus cidadãos.

Silva apud Giroux (2001) diz que, inspirado pela Escola Frankfurt, com a sua crítica da razão iluminista e na racionalidade técnica, vê a pedagogia e o currículo através da noção de política cultural, pois o currículo envolve a construção de significados e valores culturais.

Apesar de não desenvolver uma teorização específica sobre currículo, Paulo Freire influenciou muitos autores mais diretamente ligados aos estudos curriculares.

Para Silva (2001, p. 126), o currículo moderno é linear, seqüencial, estático, realista, objetivista, rígido na separação existente entre alta e baixa cultura, seguindo fielmente as grandes narrativas das ciências, do trabalho capitalista, do estado como nação, bem como a teorização crítica como fator dependente do universalismo e do fundacionalismo do pensamento moderno, estabelecendo o sujeito autônomo como o centro do currículo.

A formação passa pelo conjunto do currículo e por uma prática reflexiva dos valores a inculcar. E as intenções de formação confundem-se com as exigências da vida cotidiana.

Ao falar sobre o homem político, Demo (1999) diz que é aquele que tem consciência de si, que pode conduzir sua história; sabe dos seus problemas e busca soluções para os mesmos; não se iludindo acerca de suas limitações, consegue enfrentá-las. Diz ainda que, poder inteligente é aquele que se transveste de conquista popular e acrescenta que a dignidade dos desiguais não pode ser feita pelos discriminadores, ou seja, por uma poder público que age com desigualdade para com seus subordinados. Que o poder não está apenas nas mãos do Estado, mas também nas relações com os amigos, família, desconhecidos, dentre outras.

Depois das teorias críticas e pós-críticas não podemos mais olhar para o currículo com a mesma inocência de antes (...). O currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. O currículo é autobiografia, nossa vida, curriculum vitae: no currículo se forja nossa identidade. O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade. (SILVA, *Op. Cit.* p. 150)

Podemos então [parafrazeando Pedro Demo] inferir que, estando a construção identitária atrelada à construção do conhecimento, e esta, por sua vez, diretamente imbricada aos currículos educacionais existentes, conferindo aos sujeitos do processo ensino-aprendizagem um status de poder, podemos concluir que identidade é poder. Um poder indizível.

REFERÊNCIAS

- APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. (trad. Álvaro Lorencini). São Paulo: UNESP, 1999.
- CAMPOS, Edson Nascimento; PIMENTA, Selma Garrido (Orgs). **Saberes Pedagógicos e Atividade Docente**. São Paulo: Cortez, 1999.
- DEMO, Pedro. **Pobreza Política**. 6ª ed. São Paulo: Autores Associados, 1999. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo).
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1998.
- GENTILI, Pablo. **Neoliberalismo e Educação**: manual do usuário. Escola S.A.
- GADOTTI, Moacir. **Uma só escola para todos**: caminhos para a autonomia escolar. Petrópolis: Vozes, 1990.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

MBEMBE, Achille. Estudos Afro-Asiáticos. **As Formas Africanas de Auto-Inscrição**. Rio de Janeiro, ano 23, nº 01, p.172-209, (jan/jun) 2001.

MUSEUMS AND GALLERIES COMMISSION. **Educação em Museus**. (Trad. Maria Luiza Pacheco Fernandes). São Paulo: Editora da USP; Fundação Vitae, 2001.

MALAGODI, Maria Eugênia; CESNIK, Fábio de Sá. **Projetos Culturais**. 3ª ed. São Paulo: Escrituras, 1999.

PONCE, Aníbal. **Educação e Luta de Classes**. 14 ed. São Paulo: Cortez, 1995.

SANTOS, INACYRA Falcão dos. **Corpo e ancestralidade: uma proposta pluricultural de dança-arte-educação**. Salvador, EDUFBA, 2002.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. **Integrando a Escola ao Bairro**. Salvador: IAT, 1990.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade - uma introdução às teorias do currículo**. 2ª ed. (3ª reimpressão). Belo Horizonte: Autêntica, 2001.